

Título: Mal-estar contemporâneo de jovens universitários: uma leitura psicanalítica a partir da urgência subjetiva.

Autores: Regis Albuquerque Henrique; Nádia Laguárdia de Lima

Área temática: Mal-estar contemporâneo e impasses na educação

As iniciativas relacionadas a políticas de saúde mental dirigidas estudantes universitários surgem no Brasil em 1957, com a criação do primeiro serviço de atenção à saúde mental para estudantes universitários na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, que objetivava principalmente realizar avaliação psicológica de candidatos ao vestibular de alguns cursos da área de saúde e dar início ao serviço de atendimento psicológico aos estudantes da instituição, poucos anos depois serviços semelhantes se proliferaram em universidades brasileiras que tinham o intuito de detectar problemas emocionais e psiquiátricos, bem como prestar orientações e encaminhamentos ao tratamento adequado (LORETO¹, 1985 apud SOUZA, 2011).

A partir dos anos 2000 essas ações tomam outros contornos, por meio de processos de ampliação, interiorização e reestruturação, implementando-se ações de apoio e assistência estudantil baseados em uma política nacional, graças ao REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (BRASIL, 2007) e ao PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil (BRASIL, 2010).

Um número expressivo de universitários enfrenta impasses próprios à juventude e à vida acadêmica: aumento das responsabilidades, exigência pelo protagonismo de si, escolhas de diversas ordens, a travessia da adolescência e início da vida adulta, inserção no mercado de trabalho, migração, as exigências impostas pela vida acadêmica, entre outros desafios (SOUZA, 2011; XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008; RAVANELLO, 2020). Essa gama de características e suas reverberações contribui para que a universidade seja um espaço privilegiado para vivências sintomáticas, a qual diante disso tem ofertado serviços de apoio psicológico e ações de saúde mental aos estudantes. Nos últimos anos, a elevação do mal-estar entre estudantes tem se refletido no aumento

¹ LORETO, G. *Uma Experiência de Assistência Psicológica e Psiquiátrica a Estudantes Universitários*. 1985. Tese (Concurso de professor titular) – Universidade federal de Pernambuco, Recife.

significativo da procura por atendimento psicológico nas universidades (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantes- FONAPRACE, 2011).

É imprescindível destacar os impactos significativos desse mal-estar somados ao advento da pandemia da COVID-19 que desde 2020 provocou imensas mudanças na vida de todos. As atividades universitárias presenciais foram suspensas transformando de forma abrupta a experiência acadêmica e impôs à comunidade universitária muitos desafios.

Desde então observam-se vários pedidos por ajuda endereçados aos profissionais da escuta² atuantes nas universidades, sendo muitos desses pedidos fundados nas incertezas daqueles que vivenciam diversos tipos de perdas materiais e simbólicas. Expressões de sofrimento por meio de crises de angústia, inibições, ataques de pânico, depressão, ideação e tentativas de autoextermínio, autolesão, incertezas quanto à carreira e ao futuro, se tornaram ainda mais frequentes e intensas durante esse período.

Constata-se que o advento do Real da pandemia em sua natureza traumática denota a suspensão de uma realidade e traz outra, precarizada, incerta, marcada pela urgência produzindo respostas psíquicas diversas que convocam o psicanalista a não recuar, sustentar o discurso analítico e estar à altura desses acontecimentos e de seus desdobramentos (DROGUETT, 2020; QUINET, 2020; VERZTMAN; ROMÃO-DIAS, 2020). Dessa forma, o risco iminente da morte, o confinamento social e a insegurança proporcionados pela situação pandêmica acirraram situações de crise e urgência.

Uma das considerações importantes trazidas pela pesquisa de Malajovich *et. al* (2019), é a relação entre urgência subjetiva e sofrimento psíquico de jovens universitários como uma marca da nossa atualidade, assim como outros psicanalistas contemporâneos também sinalizam e propõem que o analista não prescindia de reconectar o sujeito com a palavra (BELAGA, 2006; CALAZANS; BASTOS, 2008; LAURENT, 2009; BERTA, 2015), o que nos convoca a escuta desse sofrimento através de serviços de atenção psicológica na modalidade *on-line*.

Do que trata uma clínica da urgência subjetiva? Como resposta para compreensão de nossa práxis levamos em conta as considerações feitas pelo psicanalista Guillermo

² Utilizamos esse termo para nos referirmos de forma genérica aos psicólogos de diferentes orientações que atuam nos dispositivos assistenciais das universidades.

Belaga: “[...] se ocupa de sintomas da época, da prática institucional, da posição do analista nas novas formas de transferência em trabalho conjunto com outros profissionais [...]” (BELAGA, 2006, p.72), também podemos considerá-la como um dispositivo clínico-político de acolhimento aos sujeitos que enfrentam uma crise e ao se dirigirem a uma instituição motivados por demandas diversas endereçam um pedido de acolhimento a um analista, a partir desse encontro com o analista poderá ser produzida a passagem da urgência generalizada (demanda não situada ao nível do significante, em relação transferencial não analítica) para a urgência subjetiva. (SOTELO, 2007; CALAZANS; BASTOS, 2008).

A proposta clínica nesse contexto não é a de excluir o sofrimento, mas bordejá-lo, enquadrá-lo, de forma que experimente uma separação de identificações sintomáticas, tendo em questão que em cada urgência subjetiva há *uma urgência* que obriga eticamente o analista a peneirar seu traço singular, fazendo com que surja a questão do sujeito, apostando no laço social inclusivo e aberto a sua singularidade, auxiliando-o a encontrar um novo modo de se orientar existencialmente e de se conectar aos outros (CALAZANS; BASTOS, 2008; BERTA, 2015; MALAJOVICH, 2019).

Não basta situar a psicanálise como experiência de fala, é preciso produzir as condições para o deslocamento da demanda genérica para a demanda analítica de forma que o sujeito entre no discurso psicanalítico (CALAZANS; BASTOS, 2008), sobre isso merece destaque a importância dos giros discursivos e a dimensão enigmática do sintoma vivenciado como nos traz Berta (2015): “A urgência subjetiva requer, como ponto de partida, a colocação em cena da histericização do discurso. Será preciso poder saber-se dividido por uma questão íntima e que nos intima para incluir, no nível do Outro, o enigma a ser respondido. [...]”. (p.104).

Para Berta (2015) a dimensão da fala deve ser aberta a cada urgência subjetiva com o objetivo de uma visada a um saber, o que só é possível se da falta de sentido da urgência subjetiva trabalha-se com o sentido que permite localizar o sujeito em sua questão.

Diante desse quadro que se apresenta com o mal-estar enfrentado por estudantes universitários, somos levados à reflexão de que se faz imprescindível nos atermos à construção de espaços de escuta e acolhimento das urgências subjetivas endereçadas aos psicanalistas, além de objetivar uma visada que sinalize caminhos para a revisão e

atualização dos dispositivos (não somente os clínicos) das instituições universitárias e assim auxiliar na elaboração e/ou execução de políticas estudantis, pedagógicas e renovar modos de convivência e circulação dos afetos (SOTELO, 2007; MORETTO, 2019; RAVANELLO, 2020) e não sucumbir a reducionismos, como por exemplo, sujeitando-as à lógica da medicalização tão em voga em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BELAGA, Guillermo. Trauma y angustia subjetiva: teoría y clínica. In: KRUSZEL, Liliana et al. (Compiladores). **Logos** 4. 1.ed. Buenos Aires: Gramma Ediciones, 2006. p.69-138.

BERTA, Sandra Letícia. Localização da urgência subjetiva em psicanálise. **A Peste**, v.7, n.1, p.95-105, 2015.

BRASIL. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, Brasília, DF, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm Acesso em 17 jan. 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Plano Nacional de Assistência Estudantil–PNAES, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em 17 jan. 2021.

CALAZANS, Roberto; BASTOS, Angélica. Urgência Subjetiva e clínica psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.11, n.4, p.640-652, 2008.

DROGUETT, Juan. Sobre o mal-estar na pandemia: O papel da psicanálise em tempos de pandemia. **Leitura Flutuante**, v.12, n. 1, p.13-31, 2020.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTES- FONAPRACE. Relatório do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras. Brasília, 2011.

LAURENT, Éric. El Revés del trauma. In: SOTELO, Inés (Compiladora). **Perspectivas de la clínica de la urgencia**. Buenos Aires: Gramma Ediciones, 2009.p.13-22.

MALAJOVICH, N. et al. O manejo da urgência subjetiva na universidade: Construindo estratégias de cuidado à saúde mental dos estudantes. **Interação em Psicologia**, v.23, n.2, 2019.

QUINET, Antônio. Análise *on-line* em tempos de quarentena. In: Fórum do Campo Lacaniano/MS (Org.). **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020.p.13-30.

RAVANELLO, T. Existe um sofrimento propriamente universitário? Da crítica à medicalização ao estabelecimento de seu estatuto discursivo. In: CARVALHO, Diego Avelino de Moraes. (Org.). **Diálogos entre teoria social, filosofia e psicanálise**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 206-246.

SOUZA, Grasiela Gomide de. **Atenção Psicológica em Universidade: A experiência de estudantes como clientes**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

SOTELO, I. **Clínica de la urgencia**. Buenos Aires: JCE ediciones, 2007.

VERZTMAN, Júlio; ROMÃO-DIAS, Daniela. Catástrofe, luto e esperança: O trabalho psicanalítico na pandemia de Covid-19. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.23, n.2, p.269-290, 2020.

XAVIER, A.; NUNES, A.I.B.L.; SANTOS, M.S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade- Fortaleza**, v.VIII, n.2, p.427-451, 2008.